

Um rubor acendeu-se na pele bronzeada do rosto da garota, que baixou a cabeça e permaneceu calada.

— Nossa Nahida é tímida, disse a velha, mas seu coração é bom.

A menina ergueu a borda do vestido branco e sentou-se na poltrona. Todos nós nos sentamos, como se agora isso nos fosse permitido, visto que a pessoa mais respeitável dentre nós já se sentara.

A anciã pronunciou algumas palavras em francês e minha mãe riu. Novamente as faces de Nahida ruborizaram-se, e percebi que ela me espiava para verificar se eu havia compreendido o diálogo. Mas eu lhe disse:

— Não entendo nada. O que elas estão dizendo?

— Minha avó diz que eu e você poderemos formar um casal.

— Bobagens, respondi-lhe, voltando o rosto para o chão.

— Vão brincar, disse a velha. Não vamos atrapalhar.

Levantei-me e acompanhei Nahida até o terraço. Fora, sentamos à beira da piscina.

— Você acredita em Deus? perguntei-lhe. Eu absolutamente não.

— Eu, sim. No laranjal há um lugar onde eu rezo. Se ficarmos amigos, levarei você até lá e lhe mostrarei que Deus existe.

— Você jejua no mês do Ramadã?¹ Eu como até em Yom Kipur.²

— Eu não jejuo porque sou pequena. Você descansa no sábado?

— Isso depende, respondi. Se não tenho o que fazer, descanso. Não porque existe Deus, mas assim, à toa.

— Mas eu gosto de Deus, falou Nahida.

— Então certamente não poderemos formar um casal, enquanto você não deixar de acreditar.

Nahida ia responder quando se ouviu o ruído do postigo do portão abrindo-se. Dois homens apareceram no pátio e ela saltou ao encontro deles, jogando os braços em volta do pescoço daquele que usava um fez e que estava vestido à moda européia, gritando:

— Papai, temos visitas!

— Eu sei, disse o pai. A doutora veio visitar-nos.

Fiquei em pé onde estava e esperei que subisse até a piscina. O outro homem, um jovem de cerca de dezoito anos, que usava *kaffia* e *agal*,³ era o irmão do pai de Nahida. Ele aproximou-se primeiro estendendo a mão para me cumprimentar. E o pai de Nahida acariciou-me as faces, puxando-me para dentro de casa.

1. *Ramadã* — Nome do nono mês do calendário islâmico, em que se jejua do nascer do sol até que este se ponha.

2. *Yom Kipur* — Dia da expiação — 10.º dia do ano judaico, em que o crente observa jejum absoluto e reza pedindo expiação por pecados que possa ter cometido.

3. *Kaffia* e *agal* — Respectivamente manto e aro para fixá-lo na cabeça, usados pelos árabes.

O jantar foi servido na varanda. Em grandes tigelas, foram trazidas batatas fritas, fatias de beringelas em molho de tomate e cubinhos de queijo salgado. Numa outra tigela, romãs e melancias pequenas. Um monte de pães quentes empilhava-se no meio da mesa.

Abdul Karim, o tio de Nahida, perguntou-me se eu era membro da Haganá.¹ Respondi-lhe que isso era segredo.

Ele riu, dizendo que era um segredo sabido e conhecido em todo o país.

— Abdul Karim estuda no colégio do Mufti², disse o pai de Nahida, e está sempre com medo da vossa Haganá.

O rosto de Abdul Karim ficou sombrio e ele se calou. Sua velha mãe colocou a mão sobre a dele e falou:

— Meu Abdul Karim é um homem bom e leal. Não o provoque.

Abdul Karim beijou-lhe as mãos e não respondeu.

Naquele instante apareceu na varanda um cão pastor de pêlo comprido, que se meteu por baixo da mesa imiscuindo-se entre as pernas das pessoas em busca de lugar para se deitar. Quando parou de se virar, colocou o focinho sobre os pés de Nahida, lambendo-os, e pousou o rabo sobre os meus pés, balançando-o e me fazendo cócegas. Sorri por causa das cócegas e olhei para Nahida como para explicarlhe o motivo do sorriso, mas percebendo que o interpretaria como um olhar de amizade, calei-me.

Após o jantar, o pai de Nahida disse para o irmão:

— Abdul Karim, meu irmão, vá mostrar às crianças o que você trouxe da cidade.

Abdul Karim levantou-se e acenou para Nahida e para mim para que fôssemos atrás dele. Entrou no depósito que havia no laranjal e tirou de lá um fuzil de caça, reluzente.

— Amanhã vamos caçar lebres, disse Abdul Karim. Você sabe atirar?

— Um pouco, respondi. Competiremos em tiro ao alvo, se você quiser.

— Na semana passada, disse Nahida, fizemos um concurso de natação e meu tio ganhou de todos.

— Se você quiser, continuei, podemos também fazer uma competição de natação.

— *Ahlan wa sahlna*,³ disse Abdul Karim, amanhã de manhã;

1. *Haganá* — Milícia combatente judaica, que atuou na clandestinidade durante o Mandato Britânico.

2. *Mufti* — Chefe da comunidade e juiz entre os muçulmanos; referência ao Mufti Haj Amin el Husseini, de Jerusalém, líder dos bandos armados árabes.

3. *Ahlan wa sahlana* — Saudação árabe: à vontade, seja bem-vindo.